

A produção da identidade e da diferença surda: corpo e língua de sinais

The production of deaf identity and difference: body and sign language

Edeilce Aparecida Santos Buzar

Daniele Nunes Henrique Silva

Universidade de Brasília (UNB)

Brasília/Brasil

Fabício Santos Dias de Abreu

Centro Universitário Estácio de Brasília

Brasília/Brasil

Resumo

O presente estudo fundamenta-se nas contribuições teóricas de L. S. Vigotski sobre o desenvolvimento atípico e a constituição da personalidade. O foco da investigação é a temática da surdez, desdobrando-se na direção da constituição histórico-cultural das identidades surdas. Do ponto de vista metodológico, o estudo está apoiado em uma epistemologia qualitativa, partindo-se da análise do discurso no tratamento dos dados no estudo empírico. Para tanto, formou-se um grupo focal com quatro surdos adultos usuários fluentes da língua de sinais com o objetivo de compreender como se dão os processos de produção da identidade e da diferença surda. A análise dos dados revela aspectos fundamentais sobre a constituição da identidade surda - modos de ser e de ver o outro e o mundo - assim como, a importância do corpo e da língua de sinais na construção-disputa dessas identidades.

Palavras-chave: Surdez; Identidade; Perspectiva Histórico-Cultural.

Abstract

The present study is based on the theoretical contributions of Vygotsky on atypical development and personality constitution. The focus of the investigation is the theme of deafness, unfolding in the direction of the historical-cultural constitution of deaf identities. From the methodological point of view, the study is supported by a qualitative epistemology, starting from discourse analysis in the treatment of data in the empirical study. For this purpose, a focus group was formed with four deaf adult users who are fluent in sign language, with the objective of understanding how the production processes of deaf identity and difference take place. Data analysis reveals fundamental aspects about the constitution of the deaf identity - ways of being and seeing the other and the world - as well as the importance of the body and sign language in the construction-dispute of these identities.

Key words: Deafness; Identity; Historical-Cultural Perspective.

1. Introdução

A temática das identidades surdas é um tema bastante debatido na contemporaneidade (SKLIAR, 1998, 1999; STROBEL, 2008; PERLIN, 2010; SACKS, 2010). A constituição identitária desse grupo se materializa nas relações estabelecidas entre dois meios sociais discrepantes: o ambiente ouvinte e o círculo sinalizado – usuário da língua de sinais. Partindo do pressuposto de que as identidades são construídas no cotidiano das interações sociais, a partir do embate entre semelhanças e diferenças em uma arena ideológica e histórica, neste texto, procuramos evidenciar que as identidades surdas não se constituem apenas nas semelhanças, na experiência visual e gestual de acesso ao mundo, mas, também nas crises, nas lutas, nos conflitos, nas diferenças. Dessa forma, assumimos a posição de que as identidades se constroem em uma rede discursiva, simbólica, demarcada pelas relações materiais, históricas e sociais nas quais o sujeito está inserido. Em uma teia de biopoder, assim como em uma relação bicultural.

Pensar as identidades surdas engloba as questões de gênero, raça, etnia, religião, classe social e todos os matizes da própria constituição da surdez e da língua de sinais nesse processo. Neste trabalho, priorizamos enfocar a forma como as identidades surdas são produzidas e preservadas no bojo do contexto clínico-terapêutico e linguístico, especificamente na interação surdo/não-surdo, surdo/surdo, a partir do discurso dos próprios surdos. Em tal percurso, é impossível não se adentrar nas questões sociais enfrentadas pelos sujeitos surdos em seu cotidiano, na relação com os não-surdos, com a família, com o saber médico e com a sociedade em geral. Mas, principalmente, busca-se mostrar o sentimento de pertença a uma comunidade alicerçada em uma língua que se efetiva em uma modalidade visoespacial, a língua de sinais.

Para alicerçar essas discussões, partimos dos estudos defectológicos desenvolvidos por L. S. Vigotski (1997, 2019, 2021) na segunda metade do século XX. Nesse viés, o autor assevera que a deficiência não deve ser interpretada apenas como um problema médico voltado para a reabilitação, mas como uma questão social. Em um meio social pouco acolhedor, as diversidades corporais da pessoa com deficiência são colocadas em um espaço de subalternização, marcado por formas de opressão e exclusão. Vigotski (2010) também avança nas questões relacionadas ao pensamento e à dimensão do signo verbal, ao estabelecer que a linguagem é fundamental na constituição do psiquismo, não só no que diz respeito às suas funções comunicativas, mas, especialmente, porque se constitui

enquanto um instrumento do pensamento. Assim, por essas inspirações teóricas, enfocamos neste artigo a relação intrínseca que há entre identidade, corpo, língua e surdez, dando ênfase às diferentes concepções de identidade surda e às diversas construções dessas realizadas pelos surdos a partir de seu contexto social.

Em suma, buscamos analisar o modo de produção da identidade e da diferença surda, especialmente no que diz respeito aos aspectos orgânicos, relacionando-os com as questões da identidade e da língua de sinais como propiciadora dessa reviravolta em termos identitários na vida dos surdos. Assim, enfatizamos as especificidades de construção das identidades surdas e a forma pela qual as semelhanças e diferenças com o outro e com ele, moldam, estilizam, produzem e constroem identidades surdas.

2. A Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotski

Pelas sendas da Teoria Histórico-Cultural o que está em foco para a compreensão da especificidade do psiquismo humano é o entendimento de que a ação do indivíduo (perante si e perante o mundo) está intrinsecamente vinculada ao contexto social em que se encontra inserido. A cultura é entendida, portanto, como uma esfera essencial que determina e é determinada pelas dinâmicas sociais. Com essas compreensões, Vigotski inaugura uma psicologia voltada precisamente para a ontologia do ser social, em que, influenciado pela teoria marxista, focaliza as bases materiais, históricas e ideológicas do desenvolvimento do ser humano.

Vigotski deslinda a transformação do ser biológico em sujeito cultural, destacando o papel central da linguagem no funcionamento psicológico e no refinamento dos processos de pensamento. Esse viés conceitual levou o autor a fazer investimentos epistemológicos no estudo de crianças que apresentavam peculiaridades no desenvolvimento. Parte dessas considerações ficou registrada em textos reunidos na obra Fundamentos de Defectologia (1997, 2019), traduzidos integralmente para a língua portuguesa em 2019 pela Universidade Estadual do Oeste do Pará (VIGOTSKI, 2019) e parcialmente, em 2021, por Zoia Prestes e Elizabeth Tunes (VIGOTSKI, 2021). Esse compilado de textos, em síntese, aborda criticamente o modo como a Psicologia e a Pedagogia tratavam a temática do desenvolvimento considerado atípico e apontam caminhos para o estabelecimento de uma forma de sociabilidade forjada na inclusão, equidade e no acesso pleno aos bens culturais.

O estudo tradicional das pessoas com deficiências utilizava como referência o padrão biológico e quantitativo de desenvolvimento. Como nos aponta Vigotski (1997), na educação especial tradicional, medir, descrever e definir tornam-se foco do objetivo principal. Por essa metodologia, a deficiência assume a centralidade e as demais características do sujeito são apagadas.

Contra essa concepção quantitativa, os estudos feitos por Vigotski se apresentam sob uma nova perspectiva, na qual as questões do desenvolvimento da criança com deficiência se colocam de outra maneira, em sua dimensão qualitativa:

O defeito, ao causar um desvio do tipo biológico humano estável, ao produzir a deterioração de algumas funções, a falência ou alteração de órgãos – e com ele a reestruturação mais ou menos essencial de todo o desenvolvimento em novas bases, de acordo com um novo tipo – viola, naturalmente, o curso normal de enraizamento da criança na cultura (VYGOTSKI, 1997, p. 42).

Em outras palavras, a deficiência repercute no desenvolvimento cultural da pessoa que a possui, porém, através de relações sociais potencializadoras o psiquismo é capaz de construir caminhos alternativos de desenvolvimento, visando assim à compensação da deficiência. Nesta concepção, o olhar sobre a pessoa com deficiência não parte do que lhe falta, de premissas negativas, puramente clínicas, reabilitadoras, mas, pelo contrário, o foco encontra-se na potência do desenvolvimento humano. Vigotski, em sua obra, faz um giro epistemológico: enquanto obras matrizes colocava a deficiência na esfera do déficit e do não desenvolvimento, ele busca entender as peculiaridades positivas do sujeito, em uma análise prospectiva e otimista.

Assim, é partindo das premissas positivas que Vigotski nos convida a compreender o processo de desenvolvimento dessas pessoas:

No processo de desenvolvimento cultural da criança, algumas funções são substituídas por outras, caminhos colaterais são traçados, e isso, como um todo, oferece possibilidades completamente novas para o desenvolvimento da criança anormal. Se uma criança anormal não consegue algo por meios diretos, o desenvolvimento das vias colaterais torna-se a base de sua compensação. Por meio deles, a criança tenta alcançar algo que não poderia alcançar diretamente. A substituição de papéis é, de fato, a base de todo o desenvolvimento cultural da criança deficiente (VYGOTSKI, 1997, p. 153).

As bases positivas do desenvolvimento da criança com deficiência partem da concepção de que deficiência não se reduz ao déficit, o que falta em termos biológicos, mas uma condição específica e peculiar de se relacionar com o mundo. Nesse sentido, a insuficiência orgânica desempenha um duplo papel no processo de desenvolvimento e de formação da personalidade da pessoa: há uma limitação, um déficit, uma dificuldade do desenvolvimento que é inegável, mas ao mesmo tempo, a partir dessa dificuldade, um avanço elevado e intenso. Nesse sentido, sua tese central a esse respeito é: “todo deterioramento ou ação prejudicial sobre o organismo provoca por parte desse reações defensivas, muito mais enérgicas e fortes que as necessárias para paralisar o perigo imediato” (VYGOTSKI, 1997, p. 42)

Dessa forma, a compensação se desenvolve enquanto um processo, a partir da diferença/deficiência diante das barreiras sociais e, portanto, cognitivas. Como o contexto social encontra-se preparado para um determinado tipo de pessoa, considerado padrão, as pessoas que fogem à regra, encontram diante de si uma série de obstáculos sociais que precisam ser transpostos e superados.

Para Vigotski, as condições sociais sobre todo e qualquer sujeito são elementos propulsores da compensação. É o que acontece com as pessoas diante de uma dificuldade. Isso não surge do indivíduo, mas da relação com o meio. Dessa forma, a compensação não supera as especificidades desenvolvimentais do sujeito, mas os obstáculos sociais e cognitivos apresentados ao indivíduo que possui uma deficiência.

Nesse sentido, as limitações enfrentadas no acesso ao meio social são impulsionadoras de mecanismos criadores que possibilitam que o desenvolvimento se efetive- de outras maneiras e por outros caminhos. Logo, a necessidade compensatória surge a partir de uma ruptura. A compensação é resultado, assim, de duas forças: uma derivada do contexto social (das relações sociais que o sujeito estabelece com a cultura) e outra das próprias forças da personalidade.

3. As peculiaridades desenvolvimentais na surdez

Diante de um desenvolvimento atípico, o sujeito ressignifica suas relações na ocupação de papéis, no espaço ou meio social em que interage. Por isso, Vigotski orienta para que vejamos essa questão sob um prisma social e este deve ser, afirma ele, o principal enfoque a ser dado em um trabalho desenvolvido com sujeitos que apresentam peculiaridades em seu desenvolvimento.

As pessoas surdas conseguem se desenvolver ativamente da mesma forma que as demais pessoas, porém precisam utilizar vias ou caminhos diferenciados de acessar o universo cultural. Nesses termos, a surdez deve ser encarada, prioritariamente, como uma questão social, especificamente da ordem da comunicação ou da interação social e o que deve ser enfrentado no trabalho com estas pessoas são as consequências sociais da surdez e não a surdez em si.

Vigotski (1997, 2019) aponta que a surdez é um estado comum para as crianças surdas até que elas se deparem com um contexto social preparado para outro tipo de criança (ouvinte). Nesse sentido, só sentem a deficiência indiretamente, secundariamente, como resultado de sua experiência social. Daí, a relevância da criança surda envolver-se em situações comunicativas o mais precocemente possível, para que a situação social não desencadeie em atraso de linguagem e, conseqüentemente, em atraso cognitivo. Para tanto, torna-se necessário o convívio o mais precoce possível com seus pares, ou seja, adultos surdos que tenham fluência na língua de sinais (GOÉS, 2012; QUADROS, 1997; SKLIAR, 1998).

Na surdez outras vias são utilizadas para receber e perceber as comunicações do contexto social, é o que confirma o depoimento de uma mãe em Fonseca (2001, p.200): “Seus olhos espertos, inteligentes, me pareciam uma grande interrogação”. Dessa forma, fica evidente que a compreensão da surdez passa pelo fato de que os olhos (e não os ouvidos) são fontes de comunicação com estes sujeitos. E é somente quando esse elemento se evidencia que é possível ver o sujeito surdo que habita aquele corpo.

Assim, o olhar assume importância principal. É o primeiro e mais importante meio de comunicação dos sujeitos surdos com o mundo. Pelo olhar, é possível perceber afeto, medo, preconceito, indiferença. E é pela via do olhar que esses sujeitos desenvolvem a sua mediação semiótica com o mundo. A singularidade visoespacial tem sido continuamente definida como uma capacidade específica que possibilita às pessoas surdas o desenvolvimento e a compreensão do mundo. Por meio dela, os surdos percebem os sentimentos, valores e conhecimentos do contexto social (BUZAR, 2009).

Alguns autores (LADD, 2003; MINDESS, 2000) chegam a considerar os surdos membros de uma comunidade coletiva visual. Uma comunidade surda, entremeada pela língua de sinais, identidades surdas e pelas experiências visuais, aspectos fundantes da diferença surda em relação a outros grupos.

Desse modo, Vigotski defende o acesso fundamental ao que ele denominava na época de linguagem da mímica natural, assim como do alfabeto manual. Além disso, ele sugere o ensino da linguagem oral, ainda que seja um trabalho difícil e penoso, como forma de contribuir para a interação com os não-surdos:

As investigações psicológicas, experimentais e clínicas demonstram que a poliglossia, isto é, o domínio de diferentes formas de linguagem, no estado atual da educação dos surdos, é uma via inevitável e a mais frutífera para o desenvolvimento da linguagem e para a educação da criança surda (VYGOTSKI, 1997, p. 191).

Vigotski reafirma a linguagem gestual como língua natural dos surdos e a linguagem oral como antinatural. O autor criticava o ensino analítico da língua oral às crianças surdas como sendo um método inerte, mecânico, artificial. Então, propõe que a língua oral seja trabalhada, a partir de um contexto significativo, vivo e lógico. Ou seja, a partir do encontro com a língua de sinais.

Dessa concepção sobre a relação entre língua de surdos e língua de não-surdos, modos dos não-surdos verem e agirem sobre os corpos e a língua dos surdos tem-se instanciado o embate cultural e identitário entre o grupo de surdos.

4. Metodologia

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma epistemologia qualitativa com apoio na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, no que tange aos aspectos da análise do discurso para a interpretação dos resultados encontrados a partir de um estudo empírico.

De acordo com essa epistemologia, os dados não se encontram na realidade à espera do pesquisador, mas serão construídos a partir da interação deste com os participantes da pesquisa. A teoria não está pronta, mas é renovada a cada momento pela reconstrução do olhar sobre o campo pesquisado. A verdade é temporária e circunscrita às circunstâncias da pesquisa. Não pretende ser generalizada, mas possibilitar novas articulações com outros campos, outros olhares, novas produções teóricas.

Para a análise e construção da informação na metodologia qualitativa, opta-se por utilizar a análise do discurso, que se contextualiza a partir de uma perspectiva histórico-cultural, dando grande valor ao discurso dos sujeitos surdos entrevistados. “A Análise de Discurso Crítica, em um sentido amplo, refere-se a um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares para estudos críticos da linguagem como prática social” (RAMALHO;

RESENDE, 2011, p. 12). Com esta abordagem, acredita-se que a linguagem está entrelaçada com as questões sociais e vice-versa e é preciso conhecer e respeitar quem faz parte de uma minoria linguística e utiliza esta língua para dizer de sua constituição. Assim, neste contexto “... o discurso é entendido como um momento, uma parte, digamos assim, de toda a prática social” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 14).

Para a construção dos dados desta pesquisa, optamos pela composição de um grupo focal com sujeitos surdos usuários da língua de sinais como primeira língua. Por meio dessa técnica, buscamos estimular a expressão dos indivíduos surdos a partir do lugar ocupado por eles no que diz respeito às identidades surdas, utilizando-se as vias mais significativas de expressão.

No grupo focal, cada participante atuou de forma reflexiva, prestando atenção no que os demais participantes estavam expressando, intervindo quando achavam necessário, ou para fazerem complementações, contraporem-se, ou ainda, concordando. Nesse processo, sujeitos da pesquisa e pesquisadores interagiram mutuamente confluindo opiniões, dúvidas e conflitos, para que pudessem fazer emergir os sentidos. O discurso foi tomando diversos formatos, conforme as informações emanadas do grupo. Emoções fortes, expressões não-verbais, sinais bastante expressivos tomaram à frente na discussão e foram considerados tão importantes quanto a conversa em si.

No primeiro e segundo encontro, partiu-se do documentário francês *Sou surda e não sabia* (2009) do diretor Igor Ochronowicz, que retrata a história verídica de Sandrine Hermanse, moça surda que por vários anos não sabia da sua condição, apesar de possuí-la de nascença. Ela é filha de pais não-surdos e estudou um tempo em escola regular, e lá se perguntava como os outros compreendiam o que a professora estava tentando transmitir. Paralelamente ao relato da autonomia conquistada com a língua de sinais, o filme levanta a discussão sobre a conveniência do implante coclear e da oralização de crianças surdas.

Nos outros dois encontros, a base da discussão já estava construída e a discussão ocorreu livremente e fomos, pouco a pouco, nos dirigindo para questões mais particulares, relacionadas com a temática.

Esta pesquisa realizou-se em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, na qual ocorrem os cursos de Libras em Contexto e de Técnicas de Interpretação em Libras da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos /DF e que na época contavam com sete instrutores de Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Atemo-nos a convidar para participarem da pesquisa apenas os instrutores surdos: José, Pedro, Márcio e Ananda - nomes fictícios, como modo de preservar a identificação dos sujeitos. Todos possuíam idade entre 25 e 35 anos, fluentes em Libras e alguns participam direta ou indiretamente do movimento surdo. De modo geral, pode-se dizer que todos possuem uma identidade surda, conforme Perlin (2000).

Ao longo da pesquisa, foram realizados 04 encontros videogravados, cuja língua de trânsito era a Libras, com duração aproximada de 1h30min. Após a atividade o material audiovisual foi transcrito na íntegra e analisado para a construção das categorias de análise e o estabelecimento de unidades temáticas, a partir de uma perspectiva geral sobre o processo de produção da identidade e da diferença surda, procurando destacar o corpo e a língua de sinais e suas interlocuções com as questões de identidade. Os discursos foram transcritos a partir da análise das gravações dos encontros e a Língua Brasileira de Sinais – Libras, utilizada pelos participantes durante a pesquisa foi traduzida para a Língua Portuguesa pelos pesquisadores.

O objetivo foi identificar, a partir do discurso dos próprios surdos, as especificidades identificatórias que singularizam o processo de produção da identidade e da diferença surda em relação aos não-surdos, mas também com os pares (surdos); reconhecer suas “fronteiras”; notadamente, compreender o modo como eles se reconhecem e são reconhecidos como surdos - seu sentimento de pertença.

Neste trabalho, parte-se da concepção de identidade surda como construto sócio-histórico, sociopolítico, em contínua transformação e profundamente determinada pelas relações sociais que os surdos estabelecem entre si e com os não-surdos.

5. Resultados e Discussão

Após a degravação dos dados, construímos uma categoria de análise denominada A produção da identidade e da diferença surda, que foi subdividida em duas unidades temáticas: Corpo e Identidades e Língua de Sinais e Identidades Surdas, que serão discutidas a seguir.

5.1 Unidade Temática 01: Corpo e Identidades

O corpo é um dos elementos que serve de referência para a identidade. É nesse jogo dialético de semelhança e diferença com os não-surdos e com os surdos que a identidade surda vai se constituindo. Primeiro, os não-surdos dizem que os surdos são diferentes, para logo em seguida, tentar homogeneizá-lo pela via do audismo. Torná-lo igual, apagar as

diferenças. Então, é a partir das relações sociais, da cultura, que essa identidade vai pouco a pouco se constituindo (HALL, 1997).

Em diversos momentos do grupo focal, os surdos relataram o investimento da família e da medicina sobre seus corpos, com o objetivo de transformá-los, curá-los, torná-los não-surdos – palatáveis a sociedade hegemônica. Márcio fala da forma como a sua mãe foi influenciada pelos médicos e das consequências que sofreu por esta atitude. Ele narra:

A minha mãe não conhecia profundamente a questão dos surdos. Os médicos e professores influenciaram a minha mãe para que ela fizesse coisas erradas. O médico falou que ela tinha que comprar próteses. E minha mãe comprou. Eu utilizava duas próteses, mas eu não tinha essa experiência, eu não conseguia ouvir igual aos ouvintes, eu não conseguia ouvir palavras, eu nunca conseguia ouvir. Eu sentia aquele barulho dentro da minha cabeça mexendo comigo, aí falavam “mamãe”, aquela palavra vinha, mas eu não entendia “mamãe”. Não entendia perfeitamente. Eu sentia muita dor de cabeça, eu vivia doente, tive problema de sangramento nasal e vivia sentindo mal, queria tirar, aquilo me deixou muito nervoso. Minha mãe não entendia, ficava preocupada e o médico dizia que era obrigado eu usar. Então, não havia uma explicação clara do médico. Parece que estava só interessado em ganhar dinheiro. O médico dizia que o meu futuro ia ser melhor, mas isso não foi bom.

Em vários discursos desta pesquisa, os surdos falaram da experiência dolorosa. Ser considerado estranho pela própria família, com respaldo dos saberes médicos. Nestes momentos, percebiam que não eram iguais aos seus pais ou aos profissionais da saúde e às demais pessoas. Depreendiam que não eram ouvintes e que pertenciam a um grupo diferente de sua família. Estavam lançadas as bases para o desenvolvimento de um processo de outra identificação, uma identificação considerada defeituosa e que precisava ser ajustada ao que se considera normal e aceitável.

Silva (2000, p. 07), nesse sentido, afirma que: “a conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas”. No caso dos surdos, na clássica divisão: normais e anormais, surdos X não-surdos. O depoimento de José pode nos mostrar até onde é capaz de ir uma família em busca de uma suposta cura do corpo e ajustamento a cultura ouvintista:

Mais ou menos quando eu tinha três anos, a minha mãe me levou para um terreiro de umbanda, pra ver se eles me curavam. Um homem com barba branca fazia todo o trabalho espiritual para ver se eu melhorava. Minha mãe pedia para eu rezar para ficar curado. Eu acabava dormindo e não lembrava

bem de tudo. Minha mãe ficava comigo no colo, eles acendiam um monte de vela ao redor da gente. E eu acordava assustado. Depois ela parou de me levar lá. Aí tinha um amigo pastor, falando para eu ir lá, que ia orar para eu ficar bom da surdez. E também não adiantou nada. Aí disseram para minha mãe que era bom eu fazer uma cirurgia espiritual para poder ouvir melhor. Eu pensei: De novo? Eles insistiam: É bom, você vai ouvir. Eu não queria fazer essa cirurgia, porque eu sabia que tudo aquilo era uma mentira, que eu não ia ficar curado. Eu tinha medo, mas minha mãe queria me ajudar. Então, ela me levou até a um homem todo vestido de branco dizendo que ia me curar. “Sente aí”. Botaram uma venda nos meus olhos e mexeram muito no meu ouvido. Aí botaram esparadrapo no meu ouvido, tiraram, fiz a cirurgia. Depois meu pai perguntou: E aí, agora você está ouvindo? Eu disse: Não estou ouvindo nada, não senti nada. Passaram remédio para eu tomar, para que eu ficasse bom, aí todo dia perguntavam: E aí você está curado? Você está bom? E eu ficava só esperando, perdendo tempo, meses e meses, cadê? Eu continuo surdo. Eu já falei: E aí? Não adiantou. Minha mãe “Pois é... perdi dinheiro, fui feita de boba e você não ficou curado”. Não adiantou. Foi muito difícil isso.

A busca incansável da família pela cura, seja por intermédio dos médicos ou curandeiros, revela que os surdos não são vistos como de dentro, nem pela família, nem pelos médicos e nem pela sociedade em geral. Por isso, tantas cirurgias e promessas no intuito de reverter o pretenso mal que acompanha aquele corpo. É assim que os surdos ficam sabendo que não fazem parte do grupo dos não-surdos, que são diferentes deles. As idas aos médicos, aos curandeiros, aos fonoaudiólogos, longe de significar uma alternativa de desenvolvimento, transparecem como a fórmula para a cura. Essas atitudes deixam marcas, sequelas para sempre nesse corpo, mas também nessa mente, que no primeiro momento sente-se diminuído, incompleto, inferior, negado.

Tal relação é construída a partir do lugar da diferença como algo negativo. O outro é estranho a mim, portanto, anormal. Precisa ser corrigido, dominado, controlado. Por isso, há uma obsessão sobre o corpo, o comportamento e as aptidões do sujeito surdo. Assim, ele se torna excluído do âmbito social e é tratado por meio de intervenções corretivas, reabilitadoras, a fim de transformar o corpo dito doente em sadio, normatizá-lo ou normalizá-lo.

Todo este processo se dá em meio a conflitos, contestação, crises. Os surdos renegam os insistentes tratamentos ou as supostas curas, mas sua opinião não é validada. Dessa forma, uma concepção de identidade serve de fundamento para essas atitudes, como se os não-surdos fizessem parte de um conjunto homogêneo e pacífico de identidade que não muda. A relação com as diferenças é realizada pela via da correção, da normalização e da terapeutização.

Quando os não-surdos partem do pressuposto que são superiores aos surdos, que representam a norma, passam a desvalorizá-los nas suas formas de ser e estarem no mundo. Mais do que isso, impõe um modelo não-surdo como referência. No entanto, essa mesma diferença que é construída na relação com os não-surdos, é negada quando os surdos reafirmam uma identidade e uma cultura. Surge, então, o conflito. Dessa forma, para aplacar o conflito, o grupo majoritário lança o seu poder/saber sobre o outro.

De acordo com Brandão (1986, p.8): “A história dos povos repete seguidamente a lição nunca aprendida de que os grupos humanos não hostilizam e não dominam o “outro povo” porque ele é diferente. Na verdade, tornam-no diferente para fazê-lo inimigo”. Nesse sentido, o objetivo é tornar o outro o mais parecido comigo, homogeneizá-lo. No caso dos surdos, a saída é a oralização, a imposição linguística da língua oral. “É importante que o escravo fale a língua do senhor para compreendê-lo e saber obedecer” (BRANDÃO, 1986, p. 8).

Nesse sentido, Ananda complementa:

Uma vez eu fui com minha mãe ao médico. Eles não sabiam língua de sinais, só comunicavam comigo por meio de gestos, e eles combinaram alguma coisa que eu não sabia o que era. Quando saímos de lá, a minha mãe falou: Olha, na outra semana você vai viajar. Mas, a minha mãe, não me explicou tudo, eu só guardei minhas coisas em uma mala e fui junto com minha mãe de ônibus até São Paulo. Nós fomos a um hospital enorme, fui conhecendo o hospital, visitando várias salas e olhando. Até que a gente chegou a um local, onde fomos esperar o médico. Quando fomos chamados, ele começou a fazer um monte de exames no meu ouvido. Quando terminaram de fazer o exame me deram uma prótese auditiva. Eu perguntei: O que é isso? Aí ele foi explicando, falando, eu não sabia nada, não entendia nada. Demorou muito até que eu entendesse. Depois de um bom tempo eu tive que voltar lá. Eu encontrei um homem com a cabeça raspada e com os pontos, mas eu não sabia o que era aquilo. Eu dizia para minha mãe: Olha, eu não quero isso pra mim não, eu não quero isso pra mim. Eu tinha um medo danado de fazer essa cirurgia. Eu vi várias crianças passando de cabeça raspada e os pontos atrás da orelha, agora que eu entendi que aquilo era o implante. Eu não quero isso pra mim, eu chorei muito: Eu não quero, eu não quero. Falei para a minha mãe: Eu não quero fazer essa cirurgia. Quando a gente voltou, eu fiquei com muito medo de ir lá. Tive uma crise de pânico para não fazer implante coclear. Aí depois começou a divulgação na televisão, dizendo que o implante coclear ia resolver a vida dos surdos. A minha mãe falou: Olha, acho que isso é muito bom, você não quer fazer implante coclear? Vamos? Minha mãe nunca teve interesse pela língua de sinais, e aí hoje eu falo pra ela que eu me identifico pela língua de sinais, o implante coclear pode quebrar tudo isso que eu já construí. Minha vida é muito fácil com a língua de sinais. Mas ela vive perguntando se eu não quero fazer a cirurgia. Aí eu digo pra ela: Tudo bem

tomara que eu morra na mesa de cirurgia, porque assim, resolve tudo, eu quero ir porque eu quero morrer. Nunca mais ela veio me perguntar de implante coclear. Eu tenho minhas mãos, eu tenho o meu valor, isso daí pra mim é um prejuízo. O implante coclear não vai me dá as coisas que eu tenho com a Libras. Se eu tiver um filho surdo eu não vou fazer implante coclear, eu vou usar a língua de sinais.

Mas, os próprios surdos têm uma explicação para isso tudo, é o que Pedro esclarece:

Sabe por que tudo isso ocorre? Porque a sociedade nunca explicou nada dessas coisas para a família, nunca houve uma orientação. Então é preciso um projeto para que se explique tudo isso. Uma informação em língua de sinais que deixe claro para a família que o surdo é capaz. Eu não tinha ligação com a minha família e com meus pais, eles só me batiam, eu nem sabia por que eu estava apanhando. A partir dos 21 anos, quando aprendi língua de sinais, foi que começou essa mudança. Mesmo depois de adulto, dos 21 aos 27 anos, ainda não amava meus pais, não tinha ligação com eles, fui compreendendo o processo, fui começando a gostar da minha família, fui sentir orgulho, que eles tinham me botado para estudar, e eles começaram a ter orgulho de mim, que eu tenho magistério, pedagogia, e aí foi que eles começaram a confiar em mim também. O ouvintismo que influencia as pessoas a pensarem que o ouvido é melhor do que qualquer coisa.

Dessa forma, os sujeitos surdos se dão conta que as atitudes de seus familiares não são construídas descontextualizadas de uma concepção normalizadora da sociedade em geral e de um saber/poder clínico, educacional e social em particular. Assim, é a partir do patamar das relações sociais, do encontro e do confronto com o outro, que a identidade se constrói de forma (não) harmônica.

Quando os surdos são narrados pela família como estranhos, doentes, necessitados de um tratamento e de uma cura, fica estabelecida, assim, a primeira marca definidora da diferença surda. Nesse sentido é que a identidade está fortemente entrelaçada por laços da experiência individual, mas, principalmente pelos laços sociais que circunscrevem a vivência interpessoal.

5.2 Unidade Temática 02: Língua de Sinais e Identidades Surdas

A identidade se constrói nas relações e especialmente por meio de símbolos. Símbolos que caracterizam determinado grupo e excluem outros. A língua é fundamental na constituição dessa identidade. Nesta pesquisa, comumente os surdos se referiram ao encontro com a língua de sinais, como uma espécie de reviravolta, uma virada que expandisse seus horizontes e percepções. Uma língua que é completamente acessível aos surdos, pois se constitui por meio da modalidade visoespacial. Com esta língua, os surdos

podem simbolizar sobre o mundo, mas especialmente podem sustentar uma identidade, uma forma de ser e estar no mundo. O momento da virada na identidade dos surdos encontra-se demarcado pela aquisição da língua de sinais e pelo encontro com seus pares. É o que nos relata Pedro:

Quando eu completei 12 anos, eu vi a língua de sinais na escola. Eu vi a língua de sinais, mas eu nem sabia o que era aquilo. Não sabia o que era surdo, não entendia o que era surdo, não entendia língua de sinais. Quando eu fui fazer o magistério com 21 anos que eu vi todo mundo falando em língua de sinais, eu cheguei lá falando gestos e aí que eu fui entender o que era língua de sinais e isso provocou uma mudança profunda na minha vida. E eu entendi ali que eu era surdo. Eu pensava que eu era ouvinte. Naquela época, ainda falavam surdo-mudo. Perguntaram-me: Você é mudo? Eu não entendia muito bem. Aí fui me desenvolvendo, comecei a ser curioso, pesquisei sobre o assunto na internet. Pesquisei na internet o que era surdo e apareceu o instrumento musical. O quê? Eu sou isso? Um instrumento musical? Aí procurei DA, era deficiente. O que eu sou, um deficiente ou um surdo? Um instrumento musical, um DA? Não, eu sou normal, eu sou surdo. Isso deu uma transformação completa na minha vida, então deixei o mudo de lado e comecei a me identificar como surdo. Me deu uma identidade, uma cultura, facilidade na interação social. Passei a acreditar que eu era capaz, podia fazer o magistério. O magistério em língua de sinais, metodologias visuais, eu me senti orgulhoso enquanto surdo, me constituí, me senti bonito em ser surdo, ter uma língua bonita, uma vida diferente.

Muitos surdos que, até então, achavam que eram sozinhos no mundo, encontram seus semelhantes e isso os unifica. Os surdos passam, assim, a ter orgulho dessa identidade, considerada por eles, a partir daí, fortalecida. A força desse grupo pode favorecer a relação com o grupo majoritário, dar-lhes autonomia, coragem para derrubar mitos, enfrentamento diante dos rótulos e estigmas. Sentem-se valorizados, igualados, robustos, diante da imposição oralista. A língua de sinais torna-se sua bandeira, a identidade surda, seu lema.

Todos os sujeitos entrevistados relataram atraso na aquisição da língua de sinais e as consequências deste atraso. Mas, acima de tudo, nos falaram do sentimento de liberdade que tiveram ao mergulhar nessa língua e na cultura surda. É o que conta Márcio: “Eu também só aprendi língua de sinais com 12 anos. Fui compreendendo a língua de sinais, isso me satisfez e me desenvolveu, eu fui aprendendo cada vez mais, minhas mãos se libertaram e eu pude ter realmente uma vida de verdade, mas antes não”.

Ananda confirma o que foi dito pelos colegas anteriormente e narra a sua passagem:

Eu só aprendi língua de sinais aos 19 anos. Lá eu fiz amigos surdos. Eles falavam em Libras e eu não entendia nada, porque eu só me comunicava por gestos. Eu falava com a minha mãe em gestos e ela passava para eles. Fui fazer o curso de Libras, fui melhorando, compreendendo e estudando. Fui participando, fui entendendo o nome das coisas, o nome da minha mãe que até então eu não sabia nada. Então, eu tive uma história de um atraso antes da Libras e a partir do curso de Libras é que fui me desenvolvendo, foi ampliando o meu vocabulário, até então eu não conhecia profundamente as coisas, e a partir desse curso é que realmente minha vida mudou e fiquei muito feliz.

A identidade necessita do simbólico para se manter. E é por meio desta língua, que os surdos começam a dar sentido à sua vida, às suas relações, às suas identidades, a sua cultura. Ela permite também a construção de identidades por meio de uma diferença, a diferença linguística. O José relata o seguinte:

Eu também só aprendi a língua de sinais aos 16 anos, quando comecei a frequentar uma escola com classes para surdos. Lá é que comecei a me desenvolver. Quando eu comecei a estudar junto com os surdos, minha vida melhorou profundamente. Com a Língua Portuguesa, melhorei um pouco, mas eu nunca aprendi até hoje completamente. Então eu sei a Língua Portuguesa só para comunicação simples.

No que diz respeito à relação entre a identidade e a questão linguística, Márcio desabafa:

Antes era só sofrimento, eu não queria ter perdido tanto tempo na minha vida, de estar fazendo papel de bobo. Eu não queria ter tido esses problemas, queria que a minha vida se abrisse, se fortalecesse a minha identidade. A minha identidade é a minha língua, é a língua de sinais.

Pedro sintetiza e deixa claro os diferentes tipos de identidades surdas, utilizando como critério para a sua classificação o fator linguístico:

Tem surdos que preferem falar só a língua de sinais e tem surdos que preferem falar as duas línguas. O surdo é só surdo quando ele só fala língua de sinais, e ele é surdo bilíngue quando ele fala outra língua. Ainda tem o surdo oralizado que não usa a língua de sinais. Eu prefiro não ser oralizado, eu escolho usar a língua de sinais, eu opto em ser um surdo bilíngue que vai se desenvolvendo e pode se comunicar com os ouvintes e com os surdos. Então posso desenvolver as duas línguas: oral e língua de sinais. Mas só o oralismo com a proibição da língua de sinais, é como se a oralização fosse

A produção da identidade e da diferença surda: corpo e língua de sinais

superior a língua de sinais, isso não é bom. Eu prefiro o bilinguismo. Eu respeito as pessoas que falam a língua oral, então eu quero ser respeitado pela minha língua. Essa é a minha língua, minha preferência é a língua de sinais.

Para os entrevistados, ser normal é ser surdo e usar a língua de sinais. Esta definição acaba também por excluir o outro, os que não são surdos e não sabem Libras. Por outro lado, garante a unidade deste grupo, fortalece seu processo de identificação. A língua de sinais passa a ser o outro elemento base de construção da identidade surda e fator agregador para a formação de grupos. Assim, eles passam a reivindicá-la. Esta reviravolta permite um reposicionar-se em relação aos demais sujeitos, um recomeçar. Transforma um corpo dito doente em um corpo criador, capaz de desenvolver-se por outras vias. Subverte as bases biológicas e criam uma língua que não se materializa pelas formas hegemônicas. E os surdos passam a ser vistos e definidos como um grupo que encontrou respostas criativas, por meio da relação com os pares, para o seu diferencial na comunicação. Mais ainda, amplia a visão de mundo e o grau de perspectiva para uma vida mais digna. Essa discussão encontra suas bases em Vigotski (2011, p.868), quando afirma que:

Os cegos e os surdos-mudos são como um experimento natural que demonstra que o desenvolvimento cultural do comportamento não se relaciona, necessariamente, com essa ou aquela função orgânica. A fala não está obrigatoriamente ligada ao aparelho fonador; ela pode ser realizada em outro sistema de signos, assim como a escrita pode ser transferida do caminho visual para o tátil.

A identidade surda, portanto, se materializa na diferença e na singularidade: “Se a identidade faz a singularidade, a sua busca individualiza, separa e divide’ (BAUMAN, 2005, p. 74). Há uma necessidade premente de que os sujeitos se reúnam entre semelhantes, que fortaleçam a sua identidade, para que sobrevivam ao jogo de relações de forças entre os diferentes grupos.

A busca do outro como o *mesmo* constitui-se em uma tentativa de sobreviver ao apagamento das diferenças, que são frágeis quando solitárias e que, quando agrupadas, tendem a esmorecer. O aconchego da comunidade pede uma vigilância constante, pois necessita ser preservada e protegida contra os ataques daqueles que estão do lado de fora e contra as mudanças daqueles que estão do lado de dentro. (LOPES, 2007, p. 74).

Nesse sentido, os sujeitos surdos se constituem em identidades que se contrapõem ou não ao modelo hegemônico ouvinte. Disso pode surgir as identidades surdas como uma

contrarreferência, a partir de uma comunidade que fala a mesma língua e que partilha uma experiência orgânica e com isso, uma série de sentimentos e contradições com relação ao grupo não-surdo e ao grupo surdo.

O uso da língua de sinais oferece às pessoas surdas um símbolo de inserção a uma unidade interpessoal com um lugar social próprio. Por trás desse símbolo, há um conjunto muito complexo de sentimentos, crenças e traços culturais que permitem coesão grupal e elaboração de objetivos alternativos de vida (BEHARES, 1999, p. 12).

Dessa forma, as identidades surdas se apresentam como uma contraposição a esse olhar estigmatizante. Eles se sentem orgulhosos em sua diferença linguística, repercutindo em sua forma de ser e ver o mundo. Assim, a identidade surda é construída a partir de um atributo cultural, por meio de uma mudança de paradigma deficientista para uma concepção bilíngue e bicultural. A partir disso, entende-se que as diferentes identidades assumidas pelos surdos estão relacionadas aos diversos contornos sociais vivenciados por eles mesmos.

6. Considerações Finais

Apesar de todos os conflitos vivenciados pelos surdos na relação com os não-surdos, as identidades surdas perseveram. Contraditoriamente, estas identidades podem inclusive se fortalecer a partir dessa relação dramática com o outro, aguçando suas formas de ser, estar e modificar o mundo. Dessa forma, as identidades surdas têm se mantido a partir dessa relação com os não-surdos, mas, especialmente por meio do compartilhamento de valores culturais na comunidade surda em que a língua de sinais é fator agregador. A partir de uma comunicação que flui livremente entre pares e dessa interação social, se autodenominam partícipes de uma comunidade, de uma identidade compartilhada – com valores, regras e lutas próprias.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a comunidade surda luta pela preservação de sua identidade, constrói um conjunto de valores e regras que são seguidos e vivenciados pelos sujeitos surdos e traçam os limites de sua identificação. Assim, a relação com o outro diferente, com o ouvinte, possibilita aos surdos serem descritos como estranhos. Demarca a sua diferença. Por outro lado, é na interação com os pares surdos, que a autodenominação positiva de identidade se fortalece e se perpetua. Com suas identidades

revigoradas, os surdos podem interagir com os não-surdos e com as outras identidades de um patamar mais igualitário e inclusivo.

As identidades surdas, assim, resultam de uma construção social, provocada pelas interações sociais com o outro diferente e com o outro semelhante. Ao mesmo tempo que ela caracteriza os grupos pelo que são, mostra também o que eles podem vir a ser.

Os dados construídos para esta pesquisa demonstram que o valor atribuído à língua de sinais e à comunidade surda é altamente positivo, pois resgata o sujeito surdo do isolamento, da depressão e da incomunicabilidade. Em suma, enquanto a identidade pessoal dá aos surdos o sentimento de diferença em relação aos não-surdos, a chamada diferenciação surda, a identidade social, se constitui a partir da semelhança com o outro, processo de indiferenciação, ou seja, é no meio dos conflitos entre o pessoal e o social, na dinâmica entre as semelhanças e as diferenças, que a identidade surda é produzida e sustentada.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BEHARES, Luis. Línguas e identificações: as crianças surdas entre o “sim” e o “não”. In SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. v. 2. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia**: Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. **A singularidade visuo-espacial da pessoa surda**: Implicações educacionais. Brasília: UnB, 2009.

GOÉS, Maria Cecília. **Linguagem, surdez e educação**. Autores Associados, Campinas, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LADD, Paddy. **Understanding deaf culture**: in search of deafhood: multilingual Matters. Frankfurt: Clevedon, 2003.

MINDESS, Anna. **Reading between the signs** – Intercultural communication for Sign Language Interpreters. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 2000.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos(org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2010. p.51-74.

QUADROS, Ronice. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RAMALHO, Viviane; Resende, Viviane. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, Pontes Editores, 2011.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____, Carlos. **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

STROBEL, Karen. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 863-869, 2011.

_____, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins _____, Lev Semionovitch. **Obras completas** – Tomo cinco – Fundamentos de Defectologia: Cascavel: EDUNIOESTE, 2019.

_____, Lev Semionovitch. **Problemas de defectologia** – Volume 01. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

_____, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas V** – Fundamentos de Defectologia. Madrid: Visor, 1997.

Sobre os autores

Edeilce Aparecida Santos Buzar

Pedagoga, Psicóloga, Mestre em Educação e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Coordenadora do Laboratório de Educação de Surdos – Labes-Libras (UnB).

E-mail: edeilcebuzar@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5799-7126>

Daniele Nunes Henrique Silva

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento Escolar (UnB).

E-mail: daninunes74@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8174-2967>

Fabício Santos Dias de Abreu

Pedagogo, Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e do Centro Universitário Estácio de Brasília. E-mail: fabra201@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3055-5704>

Recebido em: 19/02/2023

Aceito para publicação em: 24/09/2023